

Uma Canoa Furada: Como o Sistema de Terreno Humano Mina a Competência Cultural Militar Sustentável

Major Ben Connable, Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA

OS COMBATENTES COM experiência de campanhas e outros especialistas na arte operacional identificaram uma série de fraquezas no adestramento, educação e inteligência cultural militar. Cada “lacuna cultural” foi meticulosamente codificada nos jornais militares e publicações oficiais, particularmente no Manual de Campanha *FM 3-24, Counterinsurgency* (Contra-insurgência). A identificação de uma solução eficaz e duradoura para essas deficiências moldou a última fase de um debate contínuo sobre como satisfazer as exigências culturais operacionais.

Uma abordagem defende a mudança abrangente. Esse método levaria em consideração todas as críticas ao adestramento cultural militar e à análise de Inteligência, aplicando a doutrina recente aos programas de longo prazo de análise do terreno cultural e do conhecimento. Obrigar as forças singulares a enxergar o terreno cultural como um elemento de igual valor ao do terreno militar — sem abandonar as capacidades centrais de combate — asseguraria o tipo de foco abrangente na cultura que o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais aplicaram à teoria da guerra de mobilidade nos anos 90.

O outro lado do debate, representado pelos defensores do Sistema de Terreno Humano (*Human Terrain System — HTS*), requer uma solução imediata na forma de pessoal não previsto na estrutura organizacional, novos equipamentos e aplicação direta de apoio acadêmico externo. Em essência, o HTS acrescenta aos Estados-

Maiores combatentes uma camada paliativa de conhecimentos especializados em ciências sociais e capacidade de obtenção de apoio a distância contratado. Essa proposta de “construir um novo império” é baseada na premissa de que os Estados-Maiores são, em geral, incapazes de resolver problemas culturais complexos por conta própria.

A abordagem de HTS é incompatível com a doutrina em vigor e ignora as últimas melhorias nas capacidades culturais militares. Os Estados-Maiores militares dos EUA provaram ser capazes de tirar proveito do terreno cultural nas pequenas guerras no início do século XX, no Vietnã, e, contrariamente à sabedoria popular, no Afeganistão e no Iraque. Quaisquer que fossem as fraquezas de capacidade cultural, elas sempre se mostravam mais evidentes no começo dos conflitos de baixa intensidade, mas eram corrigidas mais tarde, conforme os guerreiros se adaptavam ao ambiente. Esses fracassos de primeira rodada ocorrem porque não se mantém o foco no adestramento e na educação cultural entre conflitos.

Além disso, a prática de desdobrar acadêmicos em uma zona de combate talvez mine as próprias relações que as forças militares tentam construir, ou mais precisamente, reconstruir, com uma comunidade de ciências sociais que é, em geral, desconfiada em relação às Forças Armadas dos EUA desde a era do Vietnã.

A doutrina combinada pós-11 de Setembro enfatiza a solução para as fraquezas sistêmicas identificadas no adestramento, na educação e na inteligência culturais: soldados, fuzileiros navais

O major Ben Connable, do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, é oficial de área estrangeira, especializado no Oriente Médio, e oficial de Inteligência. Atuou como líder do Programa de Inteligência Cultural do CFN (2006-2007) e foi instrutor de Cultura Iraquiana na Universidade de Operações Especiais Combinadas e no Centro de Aprendizagem de Cultura Operacional

Avançada, de 2004 a 2007. Representou o CFN no comitê do Subsecretário de Defesa para Inteligência, estabelecido para examinar o apoio das ciências sociais às operações militares de 2006 a 2007. Serviu três rodízios no Iraque como oficial de área estrangeira e de Inteligência. Cumpriu, recentemente, outra missão como Adido Naval e do CFN em Amã, na Jordânia.



O comandante da Força-Tarefa Tripoli, general John Kelly, e seu Estado-Maior conversam com líderes tribais locais em Tikrit, no Iraque, abril de 2003.

e Estados-Maiores combatentes devem se tornar peritos no terreno cultural. As considerações relativas ao terreno cultural devem ser incorporadas em todo o espectro do adestramento e das operações militares. O foco excessivo colocado pelo Departamento de Defesa no extremamente caro Sistema de Terreno Humano ocorre e pode continuar a ocorrer às custas, precisamente, dos programas de longo prazo que desenvolverão esse nível abrangente e obrigatório de perícia.

O fato de não reorientar o foco do esforço para programas de competência cultural sustentável levará, no fim, a outra onda de fracassos operacionais de primeira rodada, com os quais os Estados Unidos mal podem arcar.

Como Tratar da Lacuna de Capacidade

As operações iniciais no Afeganistão e no Iraque revelaram três falhas inter-relacionadas na competência cultural militar. Primeiro, o

adestramento cultural para os soldados, Estados-Maiores e comandantes era completamente deficiente. Segundo, o pessoal de Inteligência militar não estava preparado para ler ou analisar o terreno cultural e carecia de informações detalhadas para proporcionar a análise cultural continuamente. Terceiro, muitos Estados-Maiores eram incapazes de tirar proveito do terreno cultural, o que resultou em uma série inicial de oportunidades desperdiçadas, que alimentaram as insurgências e as operações terroristas do Talibã, de insurgentes do Baath e da Al-Qaeda.

Em um esforço para tratar dessas lacunas, as forças singulares e o Departamento de Defesa deram impulso a uma “escalada” cultural de base, gerada no final de 2003 por veteranos de combate recém-chegados, que estavam frustrados com as insuficiências no adestramento cultural.¹ Com base em uma visão de longo prazo, o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) responderam às exigências por eles próprios identificadas com

a criação de centros de adestramento cultural.² O Centro de Cultura do Comando de Instrução e Doutrina (*Training and Doctrine Command Culture Center*) e o Centro de Aprendizagem de Cultura Operacional Avançada do Corpo de Fuzileiros Navais (*Marine Corps Center for Advanced Operational Culture Learning*) foram concebidos para atender às necessidades imediatas de desdobramento das forças combatentes, enquanto se elaboram currículos de educação abrangentes para apoiar o desenvolvimento profissional sustentável e contínuo.

Ambos os centros obtiveram sucesso limitado. O Centro de Cultura do Exército criou uma série progressiva de sessões curtas de adestramento cultural para as tropas do Exército que vão se desdobrar, bem como um currículo escalonado, concebido para ser incorporado nos programas de educação militar profissional existentes. O Centro de Aprendizagem de Cultura Operacional Avançada adotou uma abordagem semelhante, apoiando programas pré-desdobramento como o *Mojave Viper*, incorporando, ao mesmo tempo, cientistas sociais e instrutores civis em uma série de escolas de desenvolvimento profissional do Corpo de Fuzileiros Navais.³

Em uma tentativa de tratar dessas lacunas na capacidade de Inteligência cultural, as escolas de Inteligência do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais começaram a realinhar-se para adestrar os alunos dos cursos de praças e de oficiais na análise cultural. Os programas de análise de redes planejados para ajudar a desmantelar as redes da Al-Qaeda e do Talibã são usados hoje para identificar as relações tribais e sectárias. A Atividade de Inteligência do CFN desenvolveu ainda mais o seu programa de Inteligência cultural para lidar com as profundas lacunas em termos dos dados culturais de referência, enquanto fornece suporte cultural remoto para as forças desdobradas no Iraque e no Afeganistão.

O adestramento dos Estados-Maiores também se ampliou nos últimos anos para englobar uma ampla gama de considerações culturais. Atualmente, os oficiais com experiência direta de contrainsurgência, que foram treinados por cientistas sociais com o nível de doutorado nos programas de educação profissional, participam de exercícios de Estado-Maior pré-desdobramento focados no terreno cultural. Os instrutores de

planejamento de Estados-Maiores militares, que enfrentavam um público cético no final de 2003, hoje lutam para conseguir acompanhar o entusiasmo dos estudantes das culturas afegã e iraquiana: estudantes que entendem que o sucesso de seus futuros desdobramentos provavelmente dependerá de considerações sociais em vez de

O fato de não reorientar o foco do esforço para programas de competência cultural sustentável levará, no fim, a outra onda de fracassos operacionais de primeira rodada...

considerações de combate. O autor observou essa mudança de paradigma em atitude ao ministrar cursos culturais pré-desdobramento de 2003 a 2007 e durante seu desdobramento com Estados-Maiores de combate em 2003, 2004 e 2006.

Hoje há um marco estabelecido para um foco contínuo na cultura. Dado o devido apoio institucional, esses centros de adestramento e programas de Inteligência cultural podem ser usados para aproveitar a experiência dos soldados e Estados-Maiores a fim de criar uma abordagem orgânica e de longo prazo à competência cultural. Os soldados, fuzileiros navais e oficiais formados nesses programas virão a personificar os guerreiros que o general Charles Krulak imaginou travar a “guerra de três quadras”. Serão capazes de executar com sucesso operações humanitárias, de manutenção da paz e de combate, entrelaçadas em apoio ao tipo de missão estratégica que esta nação provavelmente enfrentará nos próximos 50 anos.⁴

Abordagem de HTS

Entre 2005 e 2008, os oficiais e contratados que desenvolveram o HTS apresentaram as suas premissas fundamentais repetidamente. Com base nas declarações de necessidades urgentes das forças operacionais, eles alegam que os atuais programas de adestramento e Inteligência no estoque americano

não fornecem apoio cultural imediato à campanha; que existe uma habilidade cultural insuficiente no corpo de oficiais militares; que falta capacidade de obtenção de apoio a distância contratado; e que os Estados-Maiores se mostraram deficientes em entender o terreno cultural. Segundo esses especialistas, um sistema completamente novo de apoio cultural teria de ser desenvolvido e distribuído rapidamente. Os membros do quadro do HTS também acreditam que a Inteligência militar e a comunidade de Inteligência em geral têm apenas um papel muito limitado e finito para desempenhar na formação do terreno cultural.⁵ Afirmam que o desdobramento de acadêmicos civis nas zonas de combate deve ser a chave para o sucesso de qualquer programa.⁶

Centrado na Equipe de Terreno Humano (*Human Terrain Team — HTT*), o sistema é abrangente e distinto de qualquer capacidade orgânica encontrada em uma brigada de combate de infantaria (o nível visado de apoio). Ele insere a habilidade acadêmica civil e a habilidade cultural militar no Estado-Maior operacional na forma da HTT de cinco homens. A equipe de terreno leva seus próprios computadores carregados com software projetado da estaca zero por contratados para processar dados culturais. Uma equipe remota de especialistas culturais fica no Forte Leavenworth, no Kansas, fornecendo uma camada adicional de apoio acadêmico.⁷

Embora os administradores do programa vendam a imagem de um sistema multifacetado e holístico, a Equipe de Terreno Humano é a materialização tática do HTS. Os acadêmicos civis, os especialistas

...não há uma exigência sistêmica válida de pessoal e equipamentos não orgânicos.

culturais militares e o líder da equipe atuam como assessores especiais do comandante da brigada, fornecendo um fluxo separado de informações e conselhos que, em princípio, não é “poluído” pelo ciclo da Inteligência. Essa separação torna mais fácil para os gestores venderem a ideia da equipe de terreno para o meio acadêmico e recrutarem cientistas sociais. Se o HTS não é relacionado à

Inteligência militar, o conceito problemático de estudos acadêmicos aplicados parece mais aceitável.

Os criadores do HTS substituíram a exigência de uma solução abrangente e sustentável — adestrar as unidades combatentes para navegar no terreno cultural — por uma resposta provisória e cara para

...centros de adestramento e programas de Inteligência cultural podem ser usados... a fim de criar uma abordagem orgânica e de longo prazo à competência cultural.

uma necessidade imediata. Essa resposta dependia fortemente de tecnologia não orgânica e de apoio contratado. Em princípio, o HTS poderia ter atendido à necessidade imediata percebida enquanto as forças singulares tratavam dos programas de longo prazo. De fato, as falhas fundamentais no conceito de HTS colocaram o sistema em conflito com as metas de curto prazo e as futuras necessidades das forças singulares.

Falhas Fundamentais

Uma premissa por trás do HTS é certa: a instituição militar dos EUA sofreu de uma fraqueza quase crítica em capacidade cultural entre 2001 e 2003. A maioria das outras premissas do programa de HTS é, de modo geral, inexata. Pela doutrina, missão e organização, as forças militares dos EUA são obrigadas a adestrar e manter uma habilidade cultural orgânica. Exige-se que os Estados-Maiores conduzam o adestramento na navegação do terreno cultural. As informações culturais são indissociavelmente ligadas ao processo de Inteligência. Os centros de apoio a distância existem e apoiam ativamente as operações de combate. Não há justificativa para apoiar a postura de que “nós travamos guerras, precisamos pagar a alguém para lidar com cultura”. Apesar dos fracassos iniciais de militares inadequadamente treinados em “lidar com cultura”, não há uma exigência sistêmica válida de pessoal e equipamentos não orgânicos.

Tanto o Exército quanto o Corpo de Fuzileiros Navais adestram oficiais de área estrangeira (*Foreign Area Officer — FAO*) e oficiais de assuntos civis para servirem como assessores políticos e culturais de Estados-Maiores combatentes. O manual de contrainsurgência descreve os papéis almejados desses oficiais no desenvolvimento do quadro operacional do terreno cultural na seção 3.17. Declara, por exemplo: “o pessoal de assuntos civis recebe adestramento na análise de populações, culturas e desenvolvimento econômico. Esses soldados e fuzileiros navais podem contribuir muito para o entendimento das considerações civis”. Outro exemplo: “Os oficiais especialistas em área estrangeira possuem conhecimento linguístico, histórico e cultural sobre regiões particulares, tendo, muitas vezes, morado nesses locais por períodos prolongados”.

O Corpo de Fuzileiros Navais define o papel do FAO da seguinte maneira: “Utiliza a linguagem e o conhecimento das forças militares, cultura, história, sociologia, economia, política e geografia de determinadas áreas do mundo para desempenhar as tarefas conforme orientado.”⁸ Os FAOs recebem anos de instrução básica e avançada de idiomas, adquirem formação superior em estudos regionais e passam por uma viagem de imersão em sua área de especialidade. Como os FAOs são oficiais de carreira com serviço nas forças operacionais, eles podem oferecer conselhos culturais em um contexto operacional.

A comunidade de FAO teve sua primeira experiência operacional verdadeira durante a invasão do Iraque em 2003. Os oficiais especialistas em área estrangeira atuaram como assessores culturais dos Estados-Maiores e comandantes. O autor serviu como FAO no posto de comando avançado da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais. De 2004 a 2008, os FAOs continuaram a assessorar os Estados-Maiores até o nível batalhão, coordenando a articulação com as tribos, fornecendo conselhos culturais para o planejamento de operações de informações e oferecendo opções atenuantes durante as operações de combate intensivas.

No entanto, com base nos quadros de organização e nos limites de efetivo das forças singulares antes da guerra, simplesmente não havia um número suficiente de FAOs experientes e adestrados para apoiar cada brigada ou regimento. Menos de 20 FAOs especializados no Oriente Médio serviram na ativa no CFN, em 2003, e aproximadamente a metade deles era de coronéis (antigos demais para servir em uma unidade ou em posições não desdobráveis).⁹

Para apoiar a necessidade da habilidade cultural, o Departamento de Defesa obrigou as forças singulares a concentrar sua atenção no recrutamento e no adestramento de FAOs. Tanto a Diretriz do Departamento de Defesa 3000.5 quanto o Roteiro de Transformação de Idiomas da Defesa (*Defense Language Transformation Roadmap*), escritos em resposta à lacuna em capacidade cultural identificada, exigem que as forças singulares fortaleçam seu programa de FAO. Essa exigência apoia, diretamente, os requisitos doutrinários encontrados no manual de contrainsurgência e é baseada na experiência de combate recente.

Em resposta, o CFN aumentou o número de FAOs especializados no Oriente Médio em processo de treinamento, mas não está claro se essa medida proporcionará à força operacional um número suficiente de oficiais treinados. O Exército possui um programa mais forte e claro.¹⁰ Tipicamente, designa uma parcela significativa da sua comunidade de FAOs para missões diplomáticas ou de assistência militar



O coronel Michael W. Manske, chefe de Assuntos Civis e de Operações de Informações, da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, conduz a primeira reunião da comissão de “Antigos Oficiais Superiores” em Ramadi, maio de 2004.

em embaixadas dos EUA por todo o mundo. Havia nada menos que cinco FAOs do Exército em rodízios justapostos na embaixada dos EUA, na Jordânia, entre 2007 e 2009.¹¹ Até que a comunidade de FAO do Exército se afaste das missões diplomáticas, ela provavelmente será incapaz de satisfazer as necessidades das unidades engajadas em operações de combate.

Os FAOs trabalham estreitamente com as seções de assuntos civis e de operações psicológicas, viajando, muitas vezes, juntos, quando os membros da unidade executam missões táticas. Muitos desses oficiais de assuntos civis também possuem considerável treinamento e experiência cultural e começaram a demonstrá-lo tanto no Iraque quanto no Afeganistão.

Embora os programas de treinamento não reflitam a doutrina de forma adequada, o manual de campanha do Exército sobre assuntos civis afirma que o papel do oficial de assuntos civis é: “[aconselhar] os comandantes quanto aos impactos políticos, culturais e econômicos das operações planejadas e seu impacto nos objetivos globais”.¹²

Segundo o site do HTS, o pessoal de assuntos civis é responsável pelo “desenvolvimento, coordenação e execução de planos para influir positivamente sobre as populações-alvo a fim de apoiar os objetivos dos comandantes e minimizar o impacto negativo das operações militares nas populações civis e a interferência de civis durante as operações de combate”. Os oficiais de assuntos civis “proporcionam habilidade técnica, conselhos e assistência em assuntos sociais e culturais da nação estrangeira ou anfitriã”. Essa descrição doutrinária espelha quase diretamente as capacidades alegadas de uma equipe de terreno humano do HTS.¹³

As unidades de assuntos civis e os quadros de operações psicológicas proporcionam a coleta, comparação e análise de dados culturais diretamente aos Estados-Maiores combatentes. Trabalhando, muitas vezes, lado a lado das unidades de assuntos civis, as equipes de operações psicológicas conduzem pesquisas de campo derivadas das ciências sociais. Os soldados das operações psicológicas fazem pesquisas de opinião pública e entrevistam os moradores locais



O autor e o tenente-coronel Michael Groen conversam com líderes tribais em Tikrit, no Iraque, para identificar as áreas de influência, abril de 2003.

para determinar a eficácia das operações táticas e de informações. Os dados coletados em campo são inseridos no ciclo de Inteligência onde são combinados com as informações sigilosas. O FAO, o pessoal de assuntos civis e os líderes das operações psicológicas têm a oportunidade de fornecer mais contribuições à medida que o Estado-Maior desenvolve as linhas de ação.

Uma equipe devidamente treinada, organizada e apoiada, composta de um FAO, uma equipe de assuntos civis e uma de operações psicológicas, deve ser capaz de oferecer o tipo de habilidade cultural que os Estados-Maiores acharam deficiente em 2003 e 2004. Se esses assessores e seções especiais de Estado-Maior são deficientes, como insinuado em várias publicações do HTS, então é clara a responsabilidade das forças singulares e dos comandantes em treinar e preparar melhor os seus soldados e fuzileiros navais para que possam cumprir seus papéis.¹⁴ Se há um número insuficiente de FAOs, como sugerido no manual 1315.17, do Departamento de Defesa, então, é responsabilidade das forças singulares produzirem mais deles. Um maior investimento no programa de FAO existente e comprovado em combate demonstraria o compromisso de longo prazo com a competência cultural militar.¹⁵

Segundo a apresentação de HTS de 15 de julho de 2008, a HTT é composta de pelo menos dois oficiais ou praças com experiência de FAO, assuntos civis, forças especiais ou Inteligência. A equipe é liderada por um oficial combatente experiente. Por que é necessário criar um programa separado, com um custo de (no mínimo) dezenas de milhões de dólares, para designar essas pessoas para os mesmos Estados-Maiores em que foram treinadas para servir? O que o FAO e o oficial de assuntos civis da Equipe de Terreno Humano oferecem que o FAO e o oficial de assuntos civis orgânicos da unidade não oferecem? Se o HTS pode encontrar esses oficiais qualificados, por que as forças singulares dos EUA não poderiam fazê-lo?

Mesmo sem o FAO, oficiais de assuntos civis e unidades de operações psicológicas, os Estados-Maiores de combate se mostraram capazes de interpretar o terreno cultural e de desenvolver planos operacionais culturalmente perspicazes. No manual de contrainsurgência, o general Petraeus usa o plano de pré-desdobramento desenvolvido

pela Primeira Divisão de Fuzileiros Navais como um exemplo bem-sucedido de planejamento cultural de Estados-Maiores.¹⁶ No final de 2003, o então general-de-brigada Mattis realizou várias conferências para formar um plano de campanha baseado em considerações interculturais.

Por que é necessário criar um programa separado, com um custo de (no mínimo) dezenas de milhões de dólares, para designar essas pessoas para os mesmos Estados-Maiores em que foram treinadas para servir?

Embora esse plano tenha sido deixado de lado, inicialmente, por causa dos eventos em Fallujah no início de 2004, os comandantes por toda a província de Anbar continuaram a formular táticas intuitivas planejadas para tirar proveito das relações tribais, atender às necessidades econômicas locais e evitar o atrito cultural. Já em fevereiro de 2004, até aqueles fuzileiros navais inadequadamente treinados em conhecimento cultural se engajavam ativamente com líderes tribais, religiosos e empresariais; direcionavam as verbas de contratação com base nos dados culturais e econômicos das seções de operações psicológicas e de assuntos civis; e conduziam o recenseamento. Desenvolveram mensagens de operações de informações locais, derivadas dos dados culturais adquiridos dos relatórios de patrulhamento e das fontes de Inteligência humana. Aplicados com relativa constância ao longo de alguns anos, esses programas locais — desenvolvidos, muitas vezes, por comandantes até o nível de pelotão — contribuíram diretamente para o crescimento e o sucesso do movimento do Despertar de Al-Anbar. Já no início de setembro de 2008, a violência em Al-Anbar caiu para níveis insignificantes e a província voltou para o controle iraquiano.

Em seu site, o HTS fornece exemplos dos sucessos programáticos ou “impactos”.¹⁷ Entre eles está um plano projetado pela HTT para engajar os mulás locais no Afeganistão, realizar um congresso tribal para lidar com queixas e proporcionar uma rede de voleibol para gerar receptividade entre os moradores locais. Esses exemplos demonstram bom senso em um ambiente de contrainsurgência, não grandes avanços. Centenas de Estados-Maiores do Exército e do CFN vêm fazendo essas coisas diariamente por todo o Afeganistão e o Iraque, há anos, sem o apoio do HTS.

Vários Estados-Maiores convocaram conselhos tribais para criar um fórum para resolver queixas. Já no início de 2004, a Primeira Divisão de Fuzileiros Navais realizou conselhos tribais regulares e estabeleceu uma junta de “barbas brancas” de antigos generais iraquianos descontentes. As equipes de reconstrução provincial e os batalhões de infantaria, muitas vezes apoiam e assistem às grandes assembleias *loya jirga* no Afeganistão. Sem contribuições das células de apoio a distância do Sistema de Terreno Humano, FAOs, oficiais de assuntos civis e de operações psicológicas se engajaram ativamente com a liderança local e propuseram soluções culturalmente sensatas desde o início da guerra.

Uma citação publicada no site de “impactos” do HTS se destaca. Ao referir-se à população local, um oficial de operações de uma brigada do Exército declara: “Não lhes perguntamos sobre as suas necessidades — paraquedistas simplesmente não pensam dessa maneira”. Ao exibir, de forma destacada, essa citação, os gerentes do programa indicam que a incapacidade desse oficial de entender ou executar táticas simples de contrainsurgência é típica.

No entanto, o autor observou pessoalmente os paraquedistas do Exército dos EUA demonstrarem uma competência intercultural nos níveis táticos e operacionais na província de Anbar, no início de 2004, durante operações de substituição em posição. Com pouco ou nenhum planejamento pré-guerra e ordens não específicas do escalão superior, a 82ª Divisão Aeroterrestre conduziu engajamento tribal diariamente. Muitos comandantes de unidades locais estabeleceram relacionamentos com os moradores de suas áreas de operações. Uma unidade da Guarda Nacional do Estado da Flórida, composta (principalmente) de policiais do Exército,

desenvolveu um excelente relacionamento com os líderes e cidadãos de Ramadi, usando técnicas culturais criadas nas ruas de Miami para reduzir a violência local.¹⁸ Seja qual for o atrito cultural gerado pela 82ª Divisão, não se originou de uma incapacidade inata dos paraquedistas de apreciar o terreno cultural, mas, em vez disso, da falta quase total de adestramento cultural pré-guerra nos níveis de Estado-Maior e de pequenas unidades. A inexistência de adestramento cultural pré-guerra para especialistas de Inteligência agravou esses fracassos táticos.

De 2001 a 2004, as células de Inteligência no nível operacional (regimento, brigada) se concentraram quase exclusivamente em visar pessoal e equipamentos militares, conduzindo análises das redes insurgentes e proporcionando apoio a incursões. Os meios de coleta, tanto humanos quanto eletrônicos, focaram atentamente a coleta de informações para a elaboração de pareceres estratégicos, fornecendo, constantemente, alvos para equipes de incursão ou para simples missões táticas de proteção da força. Muitos oficiais de Inteligência podiam ver, claramente, o que precisava ser feito — análise das redes tribais, análise econômica e coleta em apoio aos engajamentos — mas eram incapazes, inicialmente, de dedicar a força de trabalho a essas tarefas não tradicionais.

A reação da equipe de HTS aos fracassos de Inteligência cultural no período inicial da guerra foi afirmar que as informações culturais não são, em geral, sigilosas, sendo mais bem processadas por pesquisadores acadêmicos.¹⁹ Essa solução proposta desconsidera o fato de que o pessoal de Inteligência é, por doutrina, designado especificamente para coletar e analisar dados culturais. A inferência de que as informações culturais são, inerentemente, ostensivas demonstra uma evidente falta de compreensão do ambiente operacional contemporâneo.

Uma solução mais eficaz para a lacuna de Inteligência cultural é reciclar os quadros de Inteligência para coletar e analisar dados culturais e incluí-los em produtos de Inteligência de todas as fontes. A doutrina combinada incentiva, claramente, as forças singulares a criar e manter essa capacidade. A Publicação Combinada 2.0, *Joint Intelligence* (Inteligência Combinada), requer que a comunidade de Inteligência estude

os fatores humanos, os quais ela define como “psicológicos, culturais, comportamentais e outros atributos humanos que influenciem a tomada de decisões, o fluxo de informações e a interpretação de informações por indivíduos ou grupos”.²⁰

Em resposta a essa exigência, a comunidade criou células de fatores humanos nas várias agências e se empenhou em mapear o terreno humano. Também proporcionou uma ampla capacidade de apoio a distância para as unidades desdobradas, maximizando o poder de milhares de analistas treinados e experientes, sistemas de computadores ligados em rede e a capacidade de solicitar contribuições acadêmicas de alto nível quando necessário.

O programa de HTS tentou criar sua própria capacidade de apoio a distância contratado na forma de uma dispendiosa célula no Forte Leavenworth, no Kansas. Essa célula fornece retorno às HTT, mas é incapaz de proporcionar apoio cultural a todas as forças desdobradas mundialmente. Apesar dessa demonstrada limitação de capacidade, o Subsecretário de Defesa para Inteligência considerou com seriedade a célula de apoio a distância de HTS como a melhor solução para dar apoio cultural aos Estados-Maiores combatentes.²¹

Se o Departamento de Defesa determinou que a comunidade inteira de Inteligência não é capaz de proporcionar suficiente apoio a distância cultural às unidades operacionais, então, o Subsecretário de Defesa para Inteligência deve trabalhar com o Diretor de Inteligência Nacional para consertar o sistema existente, e não gastar recursos limitados em um sistema completamente novo e não comprovado.

O manual de Inteligência do Exército também identifica, claramente, os membros de Inteligência do Estado-Maior (E-2 e S-2) como responsáveis pela coleta e análise de dados culturais.²² O novo manual sobre a coleta de Inteligência humana, os manuais sobre operações de estabilidade e apoio e de preparação de Inteligência no campo de batalha e, talvez mais importante, o manual de contrainsurgência, exigem que os oficiais de Inteligência dos Estados-Maiores se tornem peritos em terreno cultural e forneçam análise cultural aos comandantes.²³

Alguns consideram a doutrina o “último refúgio daqueles sem imaginação”.²⁴ Talvez seja o caso, mas, para que possamos desenvolver uma

força eficaz, a doutrina não pode ser abandonada de forma tão flagrante.

A realidade é que os oficiais de Inteligência combatentes dos Estados-Maiores no Afeganistão e no Iraque já receberam algum treinamento atualizado e coletam e analisam, ativamente, os dados culturais. As seções de Inteligência maximizam a capacidade de apoio a distância do Centro de Fontes Abertas (*Open Source Center*) para examinar dados ostensivos e sigilosos. O Centro de Integração Tática do CFN das Forças Multinacionais Oeste no Iraque apoia uma célula de Inteligência econômica e política antiga, que trabalha estreitamente com as unidades de assuntos civis e com os FAOs para produzir, diariamente, produtos de Inteligência cultural de alto nível. Essa célula é replicada de uma forma ou outra por todo o Afeganistão e o Iraque.

Reação Acadêmica

Cada equipe de terreno humano utiliza pelo menos um cientista social civil. Ao recrutar esses cientistas para as operações militares atuais, o quadro do programa de HTS ampliou a cisão de longa data entre os acadêmicos dispostos e os não dispostos a trabalhar com as forças armadas. O programa de HTS forneceu aos grupos como o Network of Concerned Anthropologists (Rede de Antropólogos Conscientes) um alvo legítimo em seus esforços para impedir que cientistas sociais apoiem as forças militares dos EUA no Iraque e no Afeganistão.²⁵

Os membros dessa rede e de outras sustentam que os civis nas HTT violam os padrões éticos acadêmicos. Esses padrões se assemelham, de muitas formas, ao juramento hipocrático: os pesquisadores de campo são impedidos de perturbar ou prejudicar o objeto de seus estudos. Os críticos acadêmicos do HTS veem cientistas sociais usando uniformes militares, portando armas e fornecendo contribuições diretas aos Estados-Maiores combatentes, podendo estes usá-las para aplicar a força letal.

Os gestores do HTS indicam, legitimamente, que o apoio cultural acadêmico é usado com mais frequência para reduzir a necessidade do emprego da violência. No entanto, é irrelevante se as críticas ou comparações são legítimas; a polêmica é real, e diminui a capacidade dos cientistas sociais patrióticos que ajudam as forças

militares por meios menos controversos. Muitos dos antropólogos culturais que trabalham com as forças militares foram relegados ao ostracismo por seus colegas acadêmicos em consequência das reações negativas ao HTS.²⁶

A alternativa ao desdobramento de acadêmicos nos Teatros de Operações é solicitar seu apoio no treinamento e formação de nossos oficiais de Estado-Maior. Nesse papel, não põem em perigo os seus objetos de pesquisa, não fornecem contribuição direta alguma aos ciclos de seleção de alvos e não proporcionam aos elementos antimilitares de sua própria comunidade munição substancial com a qual possam minar a relação acadêmico-militar. Mantê-los em um ambiente acadêmico ajudará a construir uma relação limpa e sustentável.

Conclusão

A versão de 15 de julho da apresentação de HTS propõe aumentar as equipes de terreno para 10 membros e ampliar as células de apoio a distância. Embora o custo do programa seja sigiloso, não é difícil determinar a despesa em contratar tantos

terceirizados, equipá-los com computadores, desdobrá-los em zonas de combate e sustentar o inevitável quadro de apoio burocrático que se desenvolverá no Forte Leavenworth.

Enquanto o Departamento de Defesa contempla fazer do HTS um programa recorrente, os quadros dos centros de adestramento cultural do Exército e do CFN continuam a ser preenchidos, de modo geral, com contratados e se sustentam com orçamentos variáveis.²⁷ O Subsecretário de Defesa para Inteligência concentrou pouco ou nenhum esforço para desenvolver programas de adestramento de Inteligência cultural. O HTS consumiu a atenção ou financiamento de quase todos os programas culturais nas forças armadas e de muitos programas da comunidade de Inteligência militar. As equipes de terreno humano deram a alguns oficiais de Estado-Maior uma desculpa para ignorar a exigência complexa e desafiadora de adestramento.

Estamos em guerra há oito anos. Quando é que as soluções provisórias cederão lugar a programas doutrinarmente sólidos? Está na hora de o HTS ceder. **MR**

REFERÊNCIAS

1. O Departamento de Defesa não respondeu às demandas informais por iniciativas culturais conjuntas até a publicação de *Defense Language Transformation Roadmap*, em janeiro de 2005, disponível em: <http://www.defenselink.mil/news/Mar2005/d20050330roadmap.pdf>.
2. O Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA criou o Centro Cultural no Forte Hachuca, no Arizona, em 2004. O Corpo de Fuzileiros Navais criou o Centro de Aprendizagem de Cultura Operacional Avançada no Comando de Desenvolvimento de Combate do CFN, em Quantico, na Virgínia, em meados de 2005.
3. *Mojave Viper* é um exercício realizado no Comando de Desenvolvimento de Combate do CFN em 29 Palms, na Califórnia, planejado para imergir os fuzileiros em um ambiente cultural realista antes do desdobramento.
4. KRULAK, Gen Charles C. "The Three Block War: Fighting in Urban Areas", *Vital Speeches of the Day* 64, no. 5 (15 de dezembro de 1997), p. 139-42.
5. Os representantes do programa HTS fizeram essa declaração repetidas vezes ao longo de um ano, em várias mesas-redondas da Subsecretaria de Defesa para Inteligência sobre o apoio das ciências sociais às operações militares. O autor compareceu a essas reuniões.
6. O autor recebeu cada nova versão da apresentação do HTS entre o final de 2003 e 2008. A versão de 15 de julho reafirma essas premissas básicas.
7. A página inicial do Sistema de Terreno Humano está disponível em: <http://humanterrainsystem.army.mil>.
8. Marine Corps Order P1200.7V pt. I.
9. O autor teve acesso às planilhas de efetivo do Escritório de Programas Internacionais (*International Program Office*), que refletiram a disponibilidade dos FAOs em 2003, e conhecia todos os FAOs especializados no Oriente Médio pelo nome.
10. A designação de FAO é uma especialidade secundária no CFN e uma ocupação principal para os oficiais do Exército.
11. O autor serviu como adido naval e do CFN na embaixada e possui conhecimento direto sobre o efetivo.
12. U.S. Army FM 3-04.401, *Civil Affairs Tactics, Techniques and Procedures* (Washington, DC: Government Printing Office (GPO), Dezembro de 2003), p. 1-31.
13. Consulte o site do Terreno Humano em: [HTTP://humanterrainsystem.army.mil/](http://humanterrainsystem.army.mil/).
14. Site do HTS.
15. Tanto o Exército quanto o CFN aumentaram, recentemente, o número de instrutores de FAO em processo de treinamento, em resposta a essa necessidade.
16. FM 3-24/MCWP 3-33.5, cap. 4-8, 15 de dezembro de 2006.
17. Impact, site do HTS, disponível em: <http://humanterrainsystem.army.mil/Impact%20on%20the%20Military.htm>.
18. Informações sobre o desdobramento do 1º Batalhão do 124º Regimento de Infantaria da Guarda Nacional da Flórida estão disponíveis em: <http://www.globalsecurity.org/military/world/iraq/ramadiyah.htm>.
19. HTS briefing, 15 de julho de 2008.
20. Joint Publication 2.0, *Joint Intelligence*, disponível em: http://www.dtic.mil/doctrine/jel/new_pubs/jp2_0.pdf.
21. O autor era o representante do CFN no comitê do Subsecretário de Defesa para Inteligência, que lidava com este assunto entre 2006 e 2007.
22. U.S. Army FM 2.0, *Intelligence* (Washington DC: GPO, Maio de 2004), especificamente as seções 1-22, 1-64, 1-83, 2-11 e 3-9.
23. O Manual de Campanha de Contrainsurgência (Apêndice A-16) exige um assessor de Estado-Maior que não seja de Inteligência para apoiar o processo de tomada de decisões. Esse papel é exercido pelo FAO e pelo oficial de assuntos civis conforme a Tabela de Organização.
24. Atribuído por diferentes fontes ao Gen James Mattis ou ao (então) Ten Cel Stephen Ferrando, do CFN dos EUA.
25. Network of Concerned Anthropologists, disponível em: <http://concerned.anthropologists.googlepages.com/>.
26. O autor mantém um estreito relacionamento com muitos antropólogos culturais militares, que comentaram essa cisão acadêmica. Uma boa bibliografia de artigos relevantes está disponível em: <http://culturematters.wordpress.com/2008/08/21/annotated-bibliography-on-hts-minerva-and-prisp/>.
27. O Centro de Aprendizagem de Cultura Operacional Avançada foi estabelecido no mesmo ano em que o HTS foi proposto pela primeira vez, em 2005. Segundo o quadro de funcionários do centro, em meados de 2008, o efetivo era de quatro fuzileiros navais da ativa, dois funcionários civis e 39 terceirizados.